

CORDEL: LEITURA E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Sílvia Gomes de Santana Velloso¹

Patrícia Kátia da Costa Pina²

Resumo: A Literatura de Cordel ganhou novos espaços nos contextos acadêmico e escolar a partir do século XX. Entretanto ainda é abordada de forma periférica e complementar. A poética de sua linguagem não é potencializada como instrumento de formação leitora, nem no ensino regular, nem na EJA, modalidade educacional cujo público traz repertórios que demandam interação com gêneros textuais tradicionalmente considerados populares, dentre os quais destaco o cordel. Diante disso, este trabalho discute o cordel, poética oral marginalizada por décadas e ligada a segmentos sociais desprivilegiados socialmente, como instrumento de leitura e letramento na EJA. Parte-se da hipótese de que por dialogar, enquanto linguagem e conteúdo, com as vivências desse grupo de educandos, esse texto pode aproximá-los do impresso e despertar-lhes o gosto pela leitura. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, delineada como estudo de caso, utilizando os métodos bibliográfico, documental e de intervenção no espaço escolar.

Palavras-chave: Leitura. Cordel. EJA. Letramento.

INTRODUÇÃO

A Literatura de Cordel ganhou novos espaços no contexto acadêmico e escolar, a partir do século XX, entretanto ainda é abordada de forma periférica e complementar. A poética de sua linguagem não é potencializada como instrumento de formação leitora, nem no ensino regular, nem na EJA, modalidade educacional cujo público traz especificidades de repertórios, as quais demandam interação com variados gêneros de textos tradicionalmente considerados populares, dentre os quais destaco o cordel.

Assim, este trabalho discute a importância do texto de cordel na Educação de Jovens adultos (EJA) como instrumento de formação leitora, tendo em vista o desenvolvimento de diferentes práticas de letramento. O termo letramento será abordado como sendo o uso da leitura e da escrita para o desenvolvimento de diferentes práticas sociais, conforme proposto por Soares (2009).

A escolha da discussão desse gênero de texto justifica-se por se tratar de um estilo literário produzido, predominantemente, pelas classes populares, trazendo à tona seus modos de vida, cultura, história, enfim, refletindo o cotidiano do “povo”. Considerando-se que a educação de jovens e adultos caracteriza-se por abrigar um público pertencente às classes populares, entende-se que

¹ Graduada em Letras Vernáculas pelo Centro Universitário Jorge Amado- UNIJORGE, Especialista em Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Federal da Bahia- UFBA, Mestranda em Crítica Cultural- Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Email- gsantana20@yahoo.com.br

² É graduada em Letras pela Universidade Santa Úrsula (1982), é Mestra em Letras/Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1995) e Doutora em Letras/Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2000). E-: mail: dacostapina@gmail.com

discutir literatura de cordel como instrumento de formação leitora, nesse contexto, pode-se constituir em um modo de potencializar essa prática. Afinal, segundo Cosson (2009, p. 17), na leitura e na escritura de um texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.

A ideia apresentada por este autor permite entender que o texto literário ganha significação na vida do leitor, principalmente se houver correspondência com a sua realidade, com o seu universo social, histórico e cultural.

As reflexões aqui apresentadas são partes de uma pesquisa de mestrado, a partir da qual se tem investigado o uso da literatura de cordel na EJA como instrumento de leitura e letramento. A ideia em voga é resultante de diversas inquietações que me acompanharam durante a trajetória docente, na disciplina língua portuguesa, da Educação de Jovens e Adultos, das Redes Estadual e Municipal de Salvador-Bahia.

Durante o desenvolvimento de um dos trabalhos de leitura e produção de textos, na Educação de Jovens e Adultos, do Colégio Estadual Professor José Barreto – localizado num bairro periférico de Salvador- Bahia –, os educandos foram colocados em contato com textos de cordel de vários poetas populares e, concomitantemente, desafiados a produzir textos desse gênero de modo a dialogar com cenas do cotidiano.

Na realização deste trabalho, pode-se perceber o interesse dos discentes por essa literatura. Era interessante observar como aquele texto provocava-os, mobilizando-os no desenvolvimento de uma escrita de si. Os estudantes discorreram sobre suas vidas, suas experiências profissionais, sobre como se sentiam na cidade, no bairro onde vivem, sobre seu papel na comunidade; muitas alunas escreveram sobre suas experiências como mães, tudo isso de maneira prazerosa, autoral e sem os entraves que o não domínio da norma padrão costumava imputar-lhes.

Essa experiência incorreu em alguns questionamentos aos quais esta pesquisa se propõe a responder: Que literatura é essa? O cordel é mesmo literatura? Por que os educandos da EJA demonstraram interesse por esse estilo literário? Será que pelo fato de estabelecer relações com seus modos de vida ou modos culturais? Que modos são esses? Em que medida a escola favorece a interação com esses modos de vida? O cordel é um instrumento de leitura e letramento? Como a escola tem abordado essa literatura?

Assim, a discussão sobre literatura de cordel como produção literária das classes populares será ancorada nas ideias de Curram (1990), Bernd e Migozzi (1995), Eagleton (1997), Ong (1998),

Campos (1977), Zumthor (2000) e Ferreira (2012). Para a abordagem sobre leitura e letramento na EJA serão mobilizadas as ideias de Cosson (2009), Rojo (2005), Soares (2009) e Freire (1996).

A LITERATURA DE CORDEL

A poesia de cordel é considerada uma literatura popular produzida pelo povo e difundida para o próprio povo, funcionando como um dos maiores meios de comunicabilidade popular, que possibilita a todos, numa prática de letramentos, participarem da atuação poética através do código linguístico oral. As pessoas que não sabiam ler tinham apenas a memória como único instrumento para ordenar as mensagens poéticas, sendo necessária toda uma organização e atenção na observação da formação dos versos. Dizer que a literatura de cordel faz parte da literatura popular é o mesmo que afirmar que ela é construída pela cultura das classes economicamente desfavorecidas, já que conforme Burke (2010, p 26, 27), em discussão sobre o que seria a cultura popular:

No final do século XVII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, o “povo” (*o folk*) se converteu num tema de interesse para o intelectuais europeus. Os artesão e camponeses decerto ficaram surpresos ao verem suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias .

Burker, além de deixar claro que cultura popular é aquela produzida pelas classes abastardas, ainda mobiliza as ideias de Herder, o qual afirma que a poesia popular se tornou patrimônio comum de toda a humanidade, já que circula oralmente, é acompanhada de música e desempenha funções práticas.

Ferreira (2012), ensaísta e pesquisadora sobre oralidade, conto popular e literatura de cordel, afirma que o cordel é a voz impressa. Voz que traz marcas culturais, de modos de vida, história, linguagem, enfim, de um corpo social, de uma performance.

Em relatos sobre pesquisa realizada no estado de São Paulo, a qual visou observar as cantorias realizadas por cantadores nordestinos nas praças e bares de bairros populares, Ferreira afirma que muitos desses nordestinos, que foram a esse grande centro industrial em busca de emprego, exerciam funções de porteiro de prédio em bairros nobres da cidade, como os cantadores João Quindingues e Sebastião Marinho. Eles trabalhavam o dia inteiro e, no final do expediente, se reuniam nas periferias da cidade para realizar suas cantorias. Era interessante como esses momentos atraíam uma grande quantidade de nordestinos, os quais ouviam as canções, bem como interagiam com os cantadores, dando-lhes o mote, nome dado ao assunto do qual partia a cantiga, para que os mestres cantadores desenvolvessem a glosa, com toda criatividade que lhes era peculiar. Diante

dessas observações, a autora considera essas cantorias – que, quando impressas, são chamadas de literatura de cordel – funcionam como modos de manutenção cultural, linguística e identitária de um povo; um modo de assentamento com os seus, isto é, com os que entendem a sua linguagem. (FERREIRA, 2012).

A análise dessas ideias permite entender que essa literatura pode provocar um envolvimento entre os sujeitos aprendizes, sobretudo da EJA, e a leitura literária, justamente por manter um diálogo – marcado pelo envolvimento do corpo, da voz, de uma performance – com os modos de vida destes educandos, que também pertencem às classes populares.

Nesse sentido, Zumthor (2000, p. 28) ratifica que a voz, presente na literatura de cordel, com toda a sua poética, possibilita um envolvimento corporal do leitor de literatura, trazendo a presença de um corpo vivo para a recepção do texto literário. A voz, para este autor, representa o corpo de modo pleno, o que traz realidades e valores envolvidos de forma igual no processo de leitura literária.

Zumthor (2000) continua a defender esta proposição narrando com certo saudosismo momentos de sua infância parisiense. Ele relata que nas idas e vindas entre o subúrbio, onde habitavam seus pais, e o colégio do nono distrito no qual estudava, no começo dos anos 1930, as ruas de Paris eram animadas por cantadores de rua, os quais ele adorava ouvir. Já possuía, inclusive, alguns cantos preferidos, como *A Rua do Faubourg Montmartre e a rua Saint-Denis*, seu bairro de estudante pobre. Conta que aquilo que o atraía, bem como aqueles que o acompanhava, era o espetáculo, o qual o prendia, apesar da hora do trem que avançava e o fazia correr em seguida até a estação do norte.

Havia o homem, camelô, sua parlapatice, porque ele vendia as canções, apregoava e passava o chapéu; as folhas volantes em bagunça, num guarda-chuva emborcado na beira da calçada. Havia o grupo, o riso das meninas, sobretudo no fim da tarde, na hora em que as vendedoras saíam de suas lojas, a rua em volta, os barulhos do mundo [...]. Mais ou menos tudo isso fazia parte da canção. Era a canção. [...] O que eu tinha então percebido, sem ter a possibilidade intelectual de analisar, era, no sentido pleno da palavra, uma forma: não fixa, nem estável, uma forma força, um dinamismo formalizado [...]. (ZUMTHOR, 2000, p. 29)

As reflexões apresentadas por este autor favorecem a uma resposta, talvez de caráter axiomático, em relação ao porquê de os estudantes da EJA demonstrarem familiaridade com a leitura de cordéis. É esse dinamismo, esta força criativa, aos quais o autor se refere, que fazem do cordel um forte instrumento de leitura e letramento na EJA. A leitura do texto impresso só pode acontecer de modo significativo, se houver correspondência com o universo social, cultural e histórico do educando. Por isso, Zumthor (2000) se propõe a dialogar com diversas áreas das ciências humanas, da linguagem e sociais para tratar das poéticas da voz.

Ainda em discussão sobre essa temática, esse autor afirma que no percurso dos anos 50 vários medievalistas descobriram a existência da poesia oral. Isso causou certo desconforto entre estudiosos daquela época: para a maioria dos germanistas, por exemplo, esta “literatura” destinara-se, em sua plenitude, à transmissão da boca ao ouvido; contudo, para os romanistas, mormente os franceses, tal generalização não era agradável.

Iniciava-se o passo de grandes conflitos, afinal, se se reconhece a poeticidade dos textos orais, as marcas do literário em composições vindas de um lugar de desprestígio, como explicar o sentido do termo literatura defendido até o momento?

Zumthor apresenta ainda que era impossível não reconhecer o papel dos trovadores e outros artistas na difusão da “literatura” medieval. A potencialidade poética de suas produções era inegável.

É a existência dessa ordem o que, nos rastros dos etnógrafos, atravessava por um feliz acaso, constataram, com entusiasmo ou timidez, alguns de nossos pioneiros. Na mesma Época (em 1933), o grande Menéndez Pidal, tão poeta quanto erudito, publicava os dois grandes números de seu romanceiro hispânico traçando a história oral de um gênero poético testemunhado desde o século XIV. As estratégias da poesia apareciam, assim, irredutíveis aos modelos que eram considerados até então os únicos válidos e, como por natureza, intemporais; pensava-se que as condições de seu exercício não tinham medida comum com as retóricas da escritura. (ZUMTHOR, 1993, p. 7).

Um novo espaço se abriu para os estudos das poéticas orais. Um espaço de reivindicação e inversão. É o momento de dissociar poesia de escritura, de questionar a cultura grafocêntrica, de romper com binarismos instituídos (cultura erudita x cultura “popular”; literatura x não literatura) que tendem a negar as produções das classes não abastadas. “Mesmo em 1960-5, ao menos na França, prejudicava gravemente o prestígio de um texto do (suponhamos) sec. XII a possibilidade de provar-se que seu modo de existência havia sido principalmente oral”. (ZUMTHOR, 1993, p. 8)

Destarte, as discussões apresentadas por Ferreira (2012), Zumthor (2000), bem como por outros autores contribuem sobremaneira com uma abordagem afirmativa concernente ao ensino de literatura de cordel, mormente na Educação de Jovens e Adultos. Todavia, apesar de todo esforço dedicado às discussões sobre as poéticas orais, elas continuam a ser abordadas de forma periférica e complementar.

Sobre esse aspecto, Rojo (2005), em *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita* apresenta resultados de análises de 140 livros didáticos do Programa Nacional do livro didático – PNLD/ 2002. Os itens observados na referida pesquisa foram: seleção de gêneros de textos, diversidade de contextos (regionais e culturais) de origem dos textos, bem como a diversidade das variantes linguísticas. Segundo a autora, a qualidade dos textos selecionados pelos autores e editores para compor os livros é bastante relevante: são textos autênticos, diversificados

quanto à esfera de circulação e gêneros, representativos quanto à autoria, quando é o caso; adequados ao alunado. Contudo, a diversidade de contextos (culturais e regionais) de origem dos textos e a diversidade e variedades linguísticas não se encontram tão bem representadas nos textos selecionados, sendo mínima a incidência de textos da tradição oral (25%), o que deixa clara a preferência por textos representativos da variedade padrão, norma culta “que circulam em contextos urbanos.

A autora destaca que uma quantidade reduzida de livros didáticos 11% reconhece os gêneros orais como um objeto a ser ensinado, o que a faz pensar que a linguagem oral como objeto de ensino, como querem os PCN, está longe da realidade dos livros didáticos (23%).

O problema de pesquisa levantado por Rojo é notório no cenário escolar. Na EJA, por exemplo, quase sempre, quando se inicia um trabalho com o texto de cordel é meramente com o propósito de falar de variedades linguísticas de menor prestígio social ou de reforçar estereótipos relacionados aos produtores dessa poética. Ademais, essa literatura quase não faz parte dos planos de curso da disciplina língua portuguesa nas escolas, sendo utilizada apenas em eventos escolares, de modo ocasional, digredindo-se, portanto, de uma abordagem que possibilite ao educando a interação com esse texto. Além disso, não há uma discussão sobre as condições de produção dessa escrita, os modos sociais e culturais envolvidos nela, explorando, assim, as potencialidades poéticas desse texto.

Desse modo, vale salientar que uma escola que abriga estudantes das classes populares, sobretudo da classe trabalhadora, precisa aproximar o ensino das vivências dos alunos, o que pode tornar a aprendizagem significativa. Estabelecer relações entre aprendizagem e experiência de vida dos alunos, nada mais é do que permitir o diálogo com suas culturas, com suas práticas de letramento.

Segundo Soares (2009, p. 40) o indivíduo Letrado, ou seja, que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, praticando-as, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

A escolha da discussão do texto literário cordel como instrumento de leitura deu-se por considerá-lo um gênero de texto essencialmente produzido por sujeitos pertencentes às camadas populares com o objetivo de trazer à tona fatos do cotidiano para serem lidos pelo próprio povo. (CAMPOS, 1977, p. 10) já observava, na década de 70 que, “levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado”.

Logo, mesmo considerando que essa proposta de trabalho objetiva a discutir a literatura de cordel como mecanismo de formação de leitores tendo em vista diferentes práticas de letramento, é importante levar em conta a ideia apresentada por Campos, já que se entende que o processo de alfabetização deve envolver essas diferentes práticas, ou seja, diferentes usos sociais da leitura e da escrita.

Conforme (Cosson, 2009, p. 11, 12), em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento. Por isso, faz-se necessário considerar todas as práticas de letramento desenvolvidas pelos sujeitos.

Vale salientar que grande parte dos escritores de cordel, embora não tenha tido acesso à educação formal, escrevia e refletia de forma autônoma e autoral a partir do ambiente de suas vivências, trazendo para o espaço da escrita marcas identitárias, sociais e culturais, o que pode se constituir em fator mobilizador para os estudantes da EJA numa ruptura com os entraves que a escrita formal lhes impõe.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O TRABALHO COM LITERATURA POPULAR

A EJA pode ser considerada uma proposta educacional cujo maior desafio é reaproximar jovens e adultos do ambiente escolar, de modo que eles desejem pertencer a este espaço. Nesse sentido, nos últimos anos, muitas pesquisas têm se dedicado a discutir estratégias de ensino que garantam a permanência dos educandos dessa modalidade de ensino em sala de aula. Isso se dá, mormente, por se reconhecer que a EJA constitui-se de uma demanda de estudante que traz repertórios cultural, histórico e sociais bastante peculiares, os quais obrigam a escola a pensar em outros modos de ensinar.

Inserido nessa discussão, Arroyo (2006, p. 221) aponta que:

A educação de jovens e adultos – EJA tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos. O tema nos remete à memória das últimas quatro décadas e nos chama para o presente: a realidade dos jovens e adultos excluídos. [...] Minhas análises estão marcadas pela sensação de que não será fácil preservar esse rico legado popular em qualquer tentativa de inserir a EJA no corpo legal e tratá-la como um modo de ser do ensino fundamental e do ensino médio. Ou os ensinos se redefinem radicalmente ou esse legado perde sua radicalidade.

A proposição apresentada por Arroyo (2006) torna evidente a necessidade de discussão sobre o ensino de leitura para a Educação de Jovens e Adultos. Se há peculiaridades nesse público, se a

maior parte dele pertence à classe trabalhadora, por exemplo, o ensino de leitura deve atender a essas demandas.

Tratando sobre a importância do ato de ler, numa pedagogia voltada para as classes populares, principalmente as que ocupam o espaço da EJA, Freire (1981) afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.³

A ideia apresentada por esse autor propõe entender que o ensino de leitura nas escolas não pode negligenciar que o outro é sujeito do processo de construção da leitura. Essa reflexão, inclusive, é ratificada nas propostas estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), as quais propõem que o ensino de língua portuguesa deve possibilitar ao educando pensar a língua como espaço de diálogo e construção de sentidos. Essa abordagem é pautada na perspectiva bakhtiniana de ensino de língua, bem como das linguísticas textual e aplicada, as quais discutem o texto como espaço de interlocução que envolve os diferentes modos de vida, peculiares a diferentes sujeitos.

É considerando todas essas peculiaridades que marcam o contexto da EJA que se lançou a discussão sobre a relevância do trabalho com literatura de cordel nessa modalidade de ensino. Esse gênero de texto, conforme já apresentado, é caracterizado por ser produzido por sujeitos das classes populares e trabalhadora, que trazem para o texto repertórios culturais, sociais e históricos correspondentes ao universo ao qual eles pertencem.

Essas semelhanças que marcam texto e público leitor podem fazer da poesia popular um excelente potencializador do ensino de leitura nas escolas, mormente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Campos (1977, p. 10) já observava, na década de 1970, que “levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores foram alfabetizados”.

Por isso, mesmo entendendo que essa proposta de trabalho objetiva discutir a literatura de cordel como mecanismo de formação de leitores tendo em vista diferentes práticas de letramento, é importante levar em conta a ideia apresentada por Campos (1977), já que se entende que o processo de alfabetização deve envolver essas diferentes práticas de letramento, ou seja, diferentes usos sociais da leitura e da escrita.

³ Informação verbal, proferida na Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981.

METODOLOGIA: CONTEXTUALIZANDO O PERCURSO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se em qualitativa, delineada como estudo de caso, através dos métodos bibliográfico, documental e de intervenção no espaço escolar. Desse modo, nessa fase inicial têm sido realizadas leituras sobre autores que discutem as poéticas da voz, das quais o cordel faz parte, como Zumthor (2000), Ferreira (2012) e outros; também uma pesquisa documental a fim de discutir a Educação de Jovens e Adultos como modalidade educacional que exige outras práticas de ensino de leitura e produção de textos. Além disso, já faz parte deste trabalho o estudo de autores como Cosson (2009) Soares (2009) e Rojo (2009), a fim de discutir o sentido da discussão sobre o letramento e letramento literário no contexto da Educação de jovens e Adultos – EJA.

Para a escrita da dissertação fora esboçado um sumário, o qual está dividido da seguinte forma:

SUMÁRIO
INTRODUÇÃO
1 DISCUSSÕES SOBRE O GÊNERO
1.1 A LITERATURA DE CORDEL: ORIGENS
Trata do surgimento da literatura de cordel
1.2 LITERATURA DE CORDEL E CULTURA POPULAR
Discute as relações entre a literatura de cordel e os modos de vida das classes populares.
1.3 CORDEL: POÉTICA ORAL OU DA VOZ
Discute a literatura de cordel como poética da voz que, impressa, traz à tona os modos de vida e criação das classes populares, funcionando, assim, como um devir.
1.4 O CORDEL COMO TEXTO LITERÁRIO
Tenciona o sentido do termo literatura, propondo um discurso afirmativo sobre a literatura de cordel como texto literário.
2 FORMAÇÃO LEITORA E PRÁTICAS DE LETRAMENTOS: O TRABALHO COM A LITERATURA DE CORDEL
2.1 O ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA NAS ESCOLAS
Discute o sentido da palavra leitura, problematizando o ensino desta prática na escola.
2.2 O TRABALHO COM OS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA

Discute o trabalho com gêneros orais em sala de aula, a partir de teorias sobre oralidade, de modo a fomentar críticas a uma cultura escolar grafocêntrica que prioriza o ensino de textos da cultura escrita em detrimento daqueles relacionados à oralidade.

2.2 O CORDEL COMO INSTRUMENTO DE LEITURA E LETRAMENTOS

EMENTA: problematiza o ensino de leitura nas escolas, tendo em vista o desenvolvimento de diferentes práticas de letramentos, refletindo sobre se o cordel é, de fato, um instrumento eficiente para o desenvolvimento dessas práticas (essa subseção refletirá sobre o trabalho com cordel, a partir das oficinas desenvolvidas com alunos da EJA).

3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O TRABALHO COM A LITERATURA DE CORDEL

3.1 PERCURSO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

3.2 BASES LEGAIS

3.1 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA A EJA

Aborda a Educação de Jovens e Adultos como modalidade Educacional que abriga estudantes das classes populares e que, por isso, deve fomentar um trabalho com leitura que dialogue com os modos de vida desse público.

3.2 O TRABALHO COM LEITURA NA EJA

Discute documentos sobre ensino de leitura na EJA, a fim de tratar o cordel como instrumento eficiente de leitura.

3.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EJA

EMENTA: Discute como a poesia cordelista traduz o desenvolvimento de diferentes práticas de letramentos, ou seja, de usos sociais da leitura, já que esta é produzida predominantemente por sujeitos pertencentes às classes populares, os quais nem sempre tiveram acesso ao letramento escolar.

3.4 CORDEL E ENSINO DE LEITURA NA EJA: UM DIÁLOGO COM DIFERENTES PRÁTICAS DE LETRAMENTOS

Trata da literatura de cordel como instrumento de leitura e letramento na EJA, tendo em vista que esta modalidade educacional abriga estudantes das classes populares.

CONSIDERAÇÕES

Diante das abordagens feitas do decorrer desse trabalho, entende-se que essa pesquisa terá grande relevância no contexto acadêmico e escolar, visto que possibilitará reflexões sobre a importância do trabalho com a literatura popular, sobretudo a literatura de cordel, no contexto da Educação de Jovens e Adultos- EJA, como instrumento de formação leitora. Nessa perspectiva, busca-se mobilizar a escola no sentido de repensar o conceito de literatura, bem como as práticas de ensino de leitura e produção textual que têm sido desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO: MEC, RAAAB, 2005.
- BRASIL. *Lei nº 9.394/96, 24 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Brasília, 1998.
- BRASIL. *Secretaria da educação fundamental*. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC: SEF, 1999.
- BURKE, Peter. *A Cultura popular na Idade Moderna :Europa.1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema dos gêneros discursivos. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- CAMPOS, Renato. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Memórias de Jerusa Pires Ferreira: a história do cordel em São Paulo*. 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://vimeo.com/54583424>>. Acesso em: 23 nov. 2014. Entrevista disponível no site Vimeo.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte:UFMG, 2003.
- ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita*. Trad. Enid Abreu Dobranszky. São Paulo, Papyrus, 1998.
- ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto, org. *Livro didático de língua portuguesa: letramento e cultura escrita*. Campinas: Mercado das letras, 2005.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

